

A CONSTRUÇÃO DA RIVALIDADE E DA VIOLÊNCIA ENTRE OS GRUPOS DE CAPOEIRA DE PIÚMA/ES

André da Silva Mello

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo, Brasil

Felipe Rodrigues da Costa

Universidade Gama Filho, Vitória, Espírito Santo, Brasil

Wagner dos Santos

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo, Brasil

Amarílio Ferreira Neto

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo, Brasil

Resumo

Identifica e analisa os motivos que geram a rivalidade e a violência entre os grupos de capoeira no município de Piúma/ES. É um estudo descritivo-interpretativo cujos dados foram coletados em entrevistas semiestruturadas realizadas com todos os professores de capoeira do município e interpretados pela análise crítica do discurso. As razões que justificam a existência da rivalidade e da violência na capoeira ganham diferentes sentidos e significados, conforme a interpretação que cada sujeito oferece a esse problema. Ao mesmo tempo em que apresentam uma análise destacando a necessidade de manutenção e valorização da rivalidade e da violência para a constituição dos grupos de capoeira, seus integrantes sinalizam a solidariedade como alternativa para se fundamentar uma nova base de interação.

Palavras-chave: Capoeira – Rivalidade – Violência – Solidariedade

Introdução

Originada na época da escravidão, a capoeira é uma arte-luta¹ brasileira que surgiu como movimento de resistência dos negros ao regime de opressão e violência a que estavam submetidos. Em virtude de sua riqueza histórica, simbólica e motora, a capoeira representa uma das principais manifestações da cultura popular brasileira. De

1-Termo que será utilizado neste estudo para nos remetermos à capoeira. A ideia surge da composição da capoeira como “síntese de elementos africanos com outras formas de expressão corporal aqui já existentes antes e durante o período de escravidão. Ela combina-se – como jogo, luta, dança e/ou mesmo esporte-espetáculo – com um conjunto de outros elementos mediados pelo corpo e presentes na cultura afro-descendente” (MWEWA; VAZ, 2006, p. 46).

prática marginal, criminalizada pelo Código Penal de 1890², a Patrimônio Imaterial da Cultura brasileira reconhecido em 2008³, a capoeira percorreu longa trajetória. Nascida no período escravocrata, atualmente, a capoeira ocupa cada vez mais diferentes espaços – escolas, universidades, clubes, academias –, em distintos contextos sociais, inclusive no exterior.

Paradoxalmente à sua inserção social, a capoeira ainda hoje carrega alguns estigmas que a mantêm, no plano simbólico, marginalizada. Esses estigmas não estão ancorados somente no passado; são atualizados cotidianamente pelas relações que muitos praticantes estabelecem entre si e pelo modo como produzem as suas práticas.

É recorrente na produção acadêmica a associação entre rivalidade e violência como traços que marcam as relações entre os grupos de capoeira e prejudicam o desenvolvimento dessa arte-luta e de quem a pratica. No campo da historiografia, trabalhos como os de Silva (1993), Araújo (1997), Soares (2002) e Falcão (2006) comprovam a utilização da violência pelas maltas de capoeira como estratégias de domínio político e espacial da cidade. A violência se configurava como estilo de vida e operava como fator de organização dessas maltas. Para Testa: “Historicamente, esse fenômeno tornou-se mais complexo a partir do advento da urbanização e da consequente violência urbana, com confrontos entre homens e grupos sociais mais frequentes em função das brigas de ruas e ‘rixas’ entre grupos” (2008, p. 31).

Elias (1994) ressalta que as atividades físicas e esportivas desempenharam um importante papel no processo civilizador da humanidade, pois permitiram que a agressividade e a violência fossem canalizadas para atividades socialmente aceitas. Assim como em outras atividades físicas e esportivas, na capoeira, os “impulsos de barbárie”⁴ ainda não estão totalmente controlados, gerando relações

2-Pelo decreto nº 847, intitulado “Dos vadios e capoeiras”, o código sancionava penas de dois a seis meses de reclusão àqueles que praticassem nas ruas ou praças públicas algum tipo de exercício de destreza corporal conhecido como capoeiragem. Prevvia ainda agravante por pertencer a algum tipo de “banda” ou “malta” e, aos chefes, a pena seria em dobro (MELLO, 1996).

3-Título concedido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

4-Uma leitura sobre o processo civilizador e a barbárie na capoeira pode ser vista em Mello e Silva (2008).

violentas, principalmente entre os grupos. Nessa perspectiva, ao investigar o perfil dos praticantes de lutas, Viana e Duino (1999, p. 121) constataram, em entrevista com capoeiristas, a satisfação e o orgulho que eles têm em demonstrar sua superioridade no confronto com grupos rivais. No olhar de Dunning (1992), essa demonstração pública de superioridade reverte em maior status e aceitação do sujeito dentro do seu grupo, o que o estimula a participar de mais confrontos.

Compreender as razões que geram os conflitos entre os grupos de capoeira pode nos fornecer pistas que ajudem a superar o problema. Neste estudo, identificamos e analisamos as causas que geram a rivalidade e a violência entre os grupos de capoeira de Piúma/ES, tendo como sujeitos participantes da pesquisa os professores dessa arte-luta do município. No primeiro momento, a fim de analisar a representação da capoeira como luta violenta, apropriamo-nos da categoria modalidade proposta pela análise crítica do discurso e do conceito de identidade construído por Stuart Hall (1990; 2000). Num segundo momento, para demonstrar as disputas e as lutas concorrenciais pelo monopólio da capoeira entre os grupos analisados, utilizamos o conceito de campo elaborado por Bourdieu (1989). Por fim, para analisar a produção discursiva apresentada pelos professores entrevistados sobre a possibilidade de superação da rivalidade e da violência entre os grupos, valemo-nos da noção de solidariedade construída por Rorty (1994).

Para alcançar os objetivos propostos, empreendemos um estudo descritivo-interpretativo cujos dados foram coletados por entrevistas semiestruturadas com os professores de capoeira de Piúma e interpretados pela análise crítica do discurso (FAIRCLOUGH, 2001). Esse método de análise, que busca revelar as relações de poder que se estabelecem por meio da linguagem, está orientado pela perspectiva funcionalista, na qual a linguagem se constitui como parte irredutível da vida social, tendo como conceitos centrais o discurso e a prática social.

O interesse da análise crítica do discurso recai sobre os discursos relacionados à representação de eventos, à construção de relações sociais e à estruturação, reafirmação e contestação de hegemonias. Focaliza a relação dialética entre discurso e sociedade, buscando revelar as ideologias que se manifestam implicitamente, em favor daqueles que se encontram em desvantagem nas relações de poder.

Rivalidade, violência e solidariedade: um diálogo com os professores de capoeira de Piúma/ES

Os dados apresentados e analisados neste tópico são provenientes de entrevistas semiestruturadas com 16 professores de capoeira do município de Piúma⁵, integrantes de quatro grupos que desenvolvem suas atividades na cidade. A opção por estudar a capoeira nesse município é decorrente do contato dos pesquisadores com os grupos da região e do fato de terem ciências das conturbadas relações que eles estabelecem entre si.

Do total de entrevistados, seis nasceram no município de Piúma, nove são provenientes de municípios vizinhos, como Iriri, Marataízes, Guarapari e Cachoeiro de Itapemirim, e um é oriundo do Rio de Janeiro. O tempo de atuação docente varia de 1,5 a 16 anos.

Dos professores entrevistados, cinco fazem parte do Grupo A (entrevistados 1, 2, 3, 4 e 5)⁶ que possui grande projeção nacional, com trabalhos em diversos municípios brasileiros e no exterior. O mestre desse grupo, em Piúma (entrevistado 3), é o professor com maior tempo de atuação no município, sendo que os demais (entrevistados 1, 2, 4 e 5) foram “formados” por ele. Já os entrevistados 6, 7 e 8 fazem parte do Grupo B, que há cinco anos desenvolve atividades em Piúma. Do Grupo C, o mais antigo da região com atividades desde a primeira metade da década de 1990, fazem parte três dos quatro professores com mais de oito anos de atuação docente (entrevistados 9, 10 e 12), além dos entrevistados 11, 13 e 14. Os outros dois professores (entrevistados 15 e 16) fazem parte do Grupo D, que iniciou as atividades no município em 2004. É desse grupo o professor proveniente do estado do Rio de Janeiro (entrevistado 15).

Ao serem questionados sobre a existência de rivalidade e violência entre os grupos de capoeira de Piúma, todos os entrevistados foram unânimes em confirmar sua existência. Contudo, seis deles alegam que, no passado, a rivalidade e a violência eram mais evidentes, como exposto nas seguintes falas:

5-Piúma é uma cidade litorânea, localizada ao sul do Espírito Santo, e conta com, aproximadamente, 16.249 habitantes (ver IBGE, 2007).

6-No intuito de mantermos o princípio ético da pesquisa, preservamos o nome dos sujeitos participantes do estudo, bem como o dos grupos de que fazem parte.

Entrevistado 15: Hoje a rivalidade, graças a Deus, está bem menor, mas é ainda muito forte. Já teve época da galera nem poder trombar que rolava treta.

Entrevistado 9: É, meu filho, todos nós sabemos que existe. Lógico que no passado era muito mais forte, mas ainda existe.

Entrevistado 2: Com certeza existe. Nós podemos ver que a rivalidade é grande pra caramba. Já foi pior, mas hoje em dia ela continua atrapalhando a capoeira.

Quando indagados sobre os motivos que geram conflitos entre os grupos de capoeira do município, cinco entrevistados responderam que a rivalidade e a violência são um traço característico da capoeira, uma tradição que não há como mudar. As falas abaixo ilustram essa perspectiva:

Entrevistado 3: [...] Eu já estou nessa parada desde o começo e parece que isso não vai ter fim nunca. Enquanto existir capoeirista, a rivalidade vai comer solta.

Entrevistado 8: Mas só que é o seguinte: a rivalidade faz parte da capoeira e não tem como acabar com ela.

Entrevistado 5: O impacto da rivalidade, para mim, é normal. Tem gente que se assusta, mas a rivalidade faz parte da capoeira.

Os discursos dos entrevistados denotam que a rivalidade “faz parte da capoeira”, é uma essência, um valor universal associado à sua prática e que sempre estará presente. Utilizamos a categoria modalidade (FAIRCLOUGH, 2001) a fim de compreender os enunciados desses entrevistados, pois ela representa uma forma de identidade presente na construção discursiva e é indicativa de quanto o enunciador da mensagem se compromete com o objeto que representa. A modalidade presente nos fragmentos de falas expostos anteriormente explicita uma concepção universal sobre a rivalidade na capoeira, tendo como consequência a produção de um discurso em que as marcas individuais não estão evidentes. No caso analisado, os sujeitos justificam a rivalidade na capoeira como algo intrínseco à sua prática. É uma represen-

tação cristalizada que nega a possibilidade de superação desse problema entre os grupos.

Castro (2002) afirma que, nos fenômenos da cultura corporal, os sujeitos buscam expressar identidades coesas e estáveis em um contexto social cambiante, de rápidas transformações, e evocam a continuidade de um passado mítico ou idealizado. Contudo, como afirma Monteiro, a capoeira é “como um barro flexível, que vai se moldando e se modificando conforme os condicionantes sociais presentes em cada época” (1996, p. 26). Nessa perspectiva, acreditamos ser possível, e desejável, construir novas representações para fundar as relações entre os grupos de capoeira de Piúma, pois, como afirma Vieira, é necessário evitar que “a capoeira continue nessa paradoxal trajetória de progredir tecnicamente e regredir eticamente. Afinal, enquanto a sociedade está na era do computador, muitos capoeiristas ainda se encontram na era da navalha” (1998, p. 4).

Contrapondo-se à opinião de Vieira (1998), é possível perceber, na fala de alguns entrevistados, a valorização da rivalidade e da violência como agentes de motivação para os treinamentos e para a evolução técnica e física dos capoeiristas. O confronto entre os grupos, nesse caso, é visto por esses entrevistados como um valor positivo, como ilustram as seguintes falas:

Entrevistado 6: Na verdade, para mim, a rivalidade não tem que acabar não, porque é isso que me instiga a treinar cada vez mais, para que no dia em que trombar eu possa estar afiadinho pros caras.

Entrevistado 16: [...] temos de admitir que a rivalidade dá um “dendê” a mais na capoeira.

É possível notar que a construção da identidade dos sujeitos participantes dos grupos de capoeira é forjada pelo modo como cada membro vai se apropriando do lugar por eles ocupado e seus diferentes atravessamentos. Assim, mesmo encontrando elementos que constituem discursos ancorados em uma interpretação universal, é possível, numa leitura geral das entrevistas, observar a identidade como uma “produção, que não está nunca completa, que está sempre em processo, e é sempre constituída no interior, e não fora, da representação” (HALL, 1990, p. 222). Esse autor propõe um deslocamento das for-

mas modernas do significante “identidade” e uma “reconceptualização do sujeito”, expondo que as sociedades atuais não oferecem mais espaços para uma concepção de identidade cultural estável e unificada (HALL, 2000; 2005).

Parte dos entrevistados justifica a rivalidade e a violência na capoeira pela impossibilidade de um grupo recuar diante dos insultos e das situações de conflito impostas por outro, reforçando a afirmação de Vieira (1998) de que há, na capoeira, uma espécie de “ética do guerreiro”, para a qual negar a provocação de outros grupos é sinal de fraqueza, de covardia. As falas abaixo evidenciam essa perspectiva:

Entrevistado 5: [...] os caras foram fazer uma visita na minha academia e fecharam o tempo com meus alunos. Não tem como, né? Tive que ir pra dentro deles.

Entrevistado 13: [...] eu não ia ficar de saco de pancada de ninguém, não ia deixar meu grupo virar “chacota”. Botei a farda e fui pro pau!

Entrevistado 7: [...] os caras acham que têm o direito de vir barbar nossa roda. Aí, meu chapa, a parada pega mesmo, e se vier vai achar.

Os argumentos apresentados pelos entrevistados estão fundamentados numa premissa corrente no meio da capoeira: “Um capoeirista jamais pode se acovardar diante de um desafio”. Em seus estudos, Santos percebeu que a valentia define o maior ou menor prestígio do sujeito dentro de um determinado grupo social e que, em muitos grupos de capoeira, “uma condição física avantajada e/ou a fama de ‘bom brigador’ são atributos que proporcionam determinado status, muitas vezes desejado pelos praticantes” (2009, p. 130; grifos do original). Para Stoer, Magalhães e Rodrigues (2004), no contexto social atual, o corpo e as práticas corporais tornaram-se “lugares” de inclusão e exclusão social. Neles, estão presentes sinais de pertencimento e identidade assumindo na aceitação, e na recusa, certos valores sociais. No caso aqui analisado, os entrevistados ostentam a valentia como forma de certificação de coragem diante dos demais membros da comunidade capoeirística.

O argumento mais utilizado pelos entrevistados (11 sujeitos) para

justificar a rivalidade e a violência existente na capoeira em Piúma é a competição que há entre os diferentes grupos, explicitada nas seguintes falas:

Entrevistado 6: [...] o que me deixa mais “bolado” é que os caras não aceitam que nosso grupo é melhor do que o deles.

Entrevistado 1: [...] ninguém aceita que um grupo seja melhor do que o outro e isso acaba sendo uma parada que atrapalha.

Entrevistado 10: [...] como é que pode um grupo se incomodar com o outro, só porque ele está fazendo uma apresentação?

Nesse sentido, para compreender a competição entre os grupos de capoeira, valemo-nos do conceito de campo proposto por Bourdieu (1989), o qual, de maneira resumida, pode ser entendido como o espaço de disputas baseadas nas relações objetivas (materiais ou simbólicas) de grupos sociais que buscam exercer o monopólio sobre os demais grupos que compõem um universo específico.

No contexto da capoeira, os grupos estabelecem relações de disputa de poder visando afirmar determinada perspectiva sobre outra. As lutas travadas pelos grupos para dominação do campo lembram as disputas das maltas de capoeira do Rio de Janeiro, no início do século XIX, para demarcação do seu território (SOARES, 2002). No entanto, a grande diferença que apresentam no atual momento é o que está em disputa, ou seja, o capital que está em jogo. Neste estudo, os entrevistados utilizam diferentes capitais simbólicos para tentar legitimar o domínio do campo. Os capoeiristas mais antigos, que dão aula há mais tempo no município, defendem o respeito a uma relação hierárquica, pelo fato de estarem no topo da pirâmide, como evidenciado nas falas abaixo transcritas:

Entrevistado 3: São muitos fatores que fizeram esta rivalidade explodir. Mas o primeiro motivo de todos foram três pessoas não aceitarem uma hierarquia, e tudo isso começou.

Entrevistado 11: Eu acho que tinha de começar com os caras respeitando uma coisa chamada hierarquia. E quem trouxe a capoeira para o município deve ser mais respeitado.

Entrevistado 9: No meu ponto de vista, eles têm que respeitar o pessoal mais antigo. Tem gente que tem mais de vinte anos de capoeira e não é respeitado.

Já os professores mais jovens de Piúma buscam se afirmar no campo por meio do capital físico: o jogo da capoeira. Eles defendem o desempenho na roda como principal valor de legitimação do capoeirista e afirmam que esse aspecto é que determina a superioridade de um grupo sobre o outro. Essa perspectiva se manifesta nas seguintes falas:

Entrevistado 6: Aqui, em Piúma, têm uns coroas que acham que a capoeira tem de ser respeitada pelo tempo que ele pratica a capoeira, e não pelo que ele joga na roda.

Entrevistado 16: Para mim o mais complicado [...] é porque tem alguns grupos que são muito cheios de histórias e falam mais do que jogam capoeira.

Entrevistado 7: Têm uns caras que é brincadeira [...] tinha que pegar eles e botar todos dentro de um museu e botar um microfone na mão de cada um para ficar falando de capoeira, pois os caras só gostam de falar e jogar que é bom, nada.

A autoridade específica que está em jogo é um estado da relação de força⁷, conforme conceito trabalhado por Ginzburg (2002), entre os professores de capoeira engajados na luta de poder para serem identificados como as vozes autorizadas e com legitimidade reconhecida para intervir e falar em nome da capoeira do município. Segundo Bourdieu:

[...] as lutas cujo espaço é o campo têm por objeto o monopólio da violência legítima (autoridade específica) que é característica do campo considerado, isto é, em definitivo, a conservação ou a subversão da estrutura da distribuição do capital específico [...].

7-Para Ginzburg, todo documento, testemunho, ou melhor, toda “prova” é dotada de intencionalidades por parte de quem os produz, daí a necessidade de ler “os testemunhos às avessas, contra as intenções de quem os produziu. Só dessa maneira [é] possível levar em conta tanto as relações de força quanto aquilo que é irredutível a elas” (2002, p. 43).

O capital específico, fundamento do poder ou da autoridade específica característica de um campo, tende a estratégias de conservação – aquelas que nos campos da produção de bens culturais tendem à defesa da ortodoxia –, enquanto os que possuem menos capital (que frequentemente são também os recém-chegados e portanto, na maioria das vezes, os mais jovens) tendem a estratégias de subversão – as da heresia. (1989, p. 90).

Ao analisar o espaço do jogo convencional no universo que constitui o campo da capoeira, encontramos, nos discursos dos professores mais antigos, essas estratégias de conservação mediante a hierarquia; já os mais novos usam como táticas de subversão o capital físico⁸. Apesar da divergência, esses dois grupos possuem um interesse fundamental em comum: a busca de capital específico para serem reconhecidos como autoridade legítima no campo da capoeira.

É ainda interessante observar que, nos discursos dos entrevistados, os motivos que geram a rivalidade e a violência são atribuídos aos modos de organização da capoeira – grupos que rivalizam entre si – e que a maioria dos entrevistados não busca motivos que fogem ao capital específico, ou seja, que extrapolem as disputas entre os grupos do município.

Os sujeitos da pesquisa também não consideram que o problema é causado por indivíduos desequilibrados emocionalmente, como se a violência fosse um traço inato da personalidade. As causas da rivalidade e da violência estão associadas às formas como as relações são estabelecidas no interior das instituições (grupos de capoeira) reforçando a tese de Aquino (1996) de que a maneira como as institui-

8-Usando como suporte teórico os estudos de Certeau, o conceito de estratégia é empregado como “o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um ‘ambiente’. O conceito postula um lugar capaz de ser circunscrito como um próprio e portanto capaz de servir de base à gestão de suas relações com uma exterioridade distinta” (1994, p. 46). Para Certeau, “a tática depende do campo do outro. Joga lance a lance, na busca de auferir ganho. Pode-se dizer que a tática está em movimento permanente (capta no voo) para auferir legitimidade no campo do outro, o que lhe garante um não-lugar estratégico” (1994, p. 46-47). O uso desse autor como referência em estudos sobre o cotidiano da educação física pode ser visto em Santos (2005) e Santos, Nunes e Ferreira Neto (2009).

ções se organizam pode potencializar o desenvolvimento da violência. De fato, dos 16 entrevistados, apenas um considera serem a rivalidade e a violência causadas por razões externas à capoeira, como exposto na seguinte fala:

Entrevistado 15: [...] são tantas coisas que causam a violência: mulher, trabalho, a pressão do dia a dia. É tanta coisa que faz essa rivalidade explodir [...].

Nota-se, então, que os discursos dos entrevistados são marcados por conflitos operados por meio de ações estratégicas/táticas pelas relações de poder estabelecidas entre os grupos evidenciam a busca pelo monopólio do campo da capoeira em Piúma. Embora a disputa se manifeste explicitamente nas ações comunicativas dos sujeitos participantes da pesquisa, quando indagados sobre o que poderia ser feito para amenizar a rivalidade e a violência entre os grupos, grande parcela dos entrevistados aponta a “orientação para a diferença”. Essa orientação é uma questão presente na interação discursiva e constitui um recurso utilizado pelos sujeitos para se relacionarem cooperando, competindo ou dominando (RESENDE; RAMALHO, 2006). No caso deste estudo, a orientação para a diferença se manifesta em tom de cooperação, como podemos evidenciar nas seguintes falas:

Entrevistado 4: Eu acho que só tem um jeito dessa rivalidade acabar: os mestres sentando e trocando uma ideia e deixando esta parada pra lá.

Entrevistado 1: Eu acho que o pessoal podia respeitar mais uns aos outros, sei lá [...] quem sabe até fazer uma roda com todos os grupos?

Entrevistado 12: Eu acho que tinha de haver um bom senso dos mais antigos na capoeira, aqui, em Piúma, para sentar e trocar uma ideia e parar com essa besteira de rivalidade.

A orientação para a diferença presente nos discursos dos entrevistados nos remete à ideia de solidariedade, quando tentamos ambientar pessoas muito diferentes da gente no círculo do nós. Na acepção de Rorty (1994), a solidariedade nos ajuda a compreender como, por

meio da noção de pertencimento, os laços de socialização são constituídos, mas não deve ser entendida como um valor universal, um traço inerente à personalidade humana. Para o autor, ela é construída e não se acha em estado natural. Nesse sentido, as contingências de tempo e espaço de um dado contexto influenciam os indivíduos a diferentes maneiras de comportamento, sendo impossível encontrar um único lugar no qual vidas humanas possam ser explicadas e entendidas. Assim, a solidariedade se manifesta no contexto em que ambientamos a nossa existência e a exprimimos para aqueles que consideramos um de nós. A questão do pertencimento é notada nas seguintes falas:

Entrevistado 11: A gente poderia juntar as ideias e tentar fazer um trabalho só, visando uma melhor qualidade no ensino de nossa capoeira.

Entrevistado 4: [...] se a galera fosse unida, a capoeira poderia crescer aqui, em Piúma.

Entrevistado 14: Tentar fazer desses grupos um só. Eu acho que seria a melhor alternativa.

Embora grande parcela dos discursos analisados ressalte a possibilidade de superação das diferenças existentes entre os grupos de capoeira de Piúma, uma pequena parte dos entrevistados considera impossível superar essas diferenças e não vislumbra qualquer alternativa de conciliação. O exemplo dessa assertiva pode ser observado na seguinte fala:

Entrevistado 9: Eu acho que só se todo mundo nascesse de novo, pois têm algumas pessoas que se fazem achar que são capoeirista e, na verdade, são bandidos de abadá⁹.

No entanto, independentemente de acreditar na possibilidade ou não de uma convivência pacífica, e até solidária, entre os grupos de capoeira de Piúma, os entrevistados concordam que a rivalidade e a violência prejudicam a imagem da capoeira perante a sociedade, como revelam as seguintes falas:

9-Abadá é o nome da calça utilizada para jogar capoeira.

Entrevistado 3: [...] atrapalha bastante, pois não conseguimos mostrar o nosso trabalho para a sociedade.

Entrevistado 2: A capoeira hoje poderia ser vista de outra forma. Poderíamos ser muito mais respeitados pela sociedade, mas essas brigas que acontecem acabam denegrindo a imagem da capoeira.

Entrevistado 8: [...] poderia ser uma parada bacana, respeitada pela sociedade, mas sabemos que não somos bem-vistos por ela.

Entrevistado 10: Como a sociedade pode gostar de algo que gera violência e denigre a imagem das pessoas? É lógico que o impacto é negativo. Não tem como ser bem-visto com essa rivalidade idiota.

Entrevistado 13: Eu acho que a rivalidade gerou uma mancha negativa para a capoeira em Piúma e, para mim, não tem mais jeito de limpar essa mancha.

Dessa maneira, é possível afirmar que, apesar de legalizada, a capoeira continua carregando o estigma, presente em sua trajetória, de manifestação marginal. Parte desse estigma é reforçado no imaginário social da população pelas constantes situações de violência que ocorrem entre os grupos de capoeira. Com base nos relatos dos entrevistados, foi possível perceber que muitos capoeiristas, ao se prenderem à concepção da rivalidade e da violência, constroem discursos identitários que demarcam a necessidade da luta concorrencial para se constituírem como voz autorizada e com autoridade no campo que configuram os grupos de capoeira.

Considerações finais

Ao identificar e analisar os motivos que geram a rivalidade e a violência entre os grupos de capoeira no município de Piúma/ES, foi possível observar que ambas são provocadas, dentre outros fatores, pela disputa de legitimidade no campo da capoeira. Nessa disputa, os professores mais antigos defendem a hierarquia como capital de autoridade principal e os professores mais novos, o jogo como principal capital

de legitimação.

As razões que justificam, na leitura dos sujeitos participantes do estudo, a existência da rivalidade e da violência na capoeira são díspares e ganham diferentes sentidos e significados, conforme a interpretação que cada um oferece a esse problema. É, portanto, interessante observar o modo como esses discursos polissêmicos produzem diferentes identidades e configuram as relações estabelecidas entre os professores e os grupos de capoeira. Ao mesmo tempo em que os sujeitos afirmam a necessidade de manutenção e valorização da rivalidade e da violência para a constituição dos grupos de capoeira, sinalizam, também, a solidariedade como alternativa para a fundamentação de uma nova base de interação entre os capoeiristas do município.

Nesse sentido, enfatizamos que a análise do tema proposto revelou um problema a ser enfrentado, qual seja, a influência da rivalidade e da violência na produção da identidade do capoeirista e suas implicações na constituição dos diferentes grupos.

Contudo, é possível afirmar que a discussão não se restringe aos grupos de capoeira de Piúma, mas está presente nos diferentes espaços de intervenção da educação física, reforçando a necessidade de produção de novos estudos não apenas na capoeira, com a ampliação dos sujeitos da pesquisa e seu recorte geográfico, mas também em outras áreas, a fim de observarmos como esse fenômeno se manifesta nesses diferentes contextos de produção.

Construing rivalry and violence among capoeira groups from Piúma/ES

Abstract

In this study, we identify and assess the reasons for rivalry and violence within capoeira groups in Piúma (Brazil). This study is descriptive and interpretative. The data was collected by using semi-structured interviews performed with all capoeira teachers of such municipality and interpreted by Critical Discourse Analysis. The reasons for rivalry and violence in capoeira are different in all senses, since each subject interprets such problem differently. Such reasons show an analysis which stresses the need to keep and weight the rivalry and violence to comprise capoeira groups; simultaneously, pointing out the solidarity as an option to establish a new basis for interaction.

Keywords: Capoeira - Rivalry - Violence - Solidarity

Construcción de la rivalidad y violencia entre los grupos de capoeira de Piúma/ES

Resumen

Identifica y analiza los motivos que dan lugar a la rivalidad y violencia entre los grupos de “capoeira” en la ciudad de Piúma/ES. El estudio es descriptivo e interpretativo en el que los datos fueron recolectados a través de entrevistas semiestructuradas, realizadas con todos los profesores de “capoeira” de la ciudad, e interpretadas por el Análisis Crítico del Discurso. Las razones de la existencia de la rivalidad y violencia en la “capoeira” obtienen diferentes significados dependiendo de la interpretación que cada individuo ofrece a este problema. Al tiempo que presentan un análisis destacando la necesidad de mantenimiento y reconocimiento de la rivalidad y violencia para la formación de grupos de “capoeira”, indican la solidaridad como una alternativa para fundamentar una nueva base de interacción.

Palabras clave: Capoeira – Rivalidad – Violencia – Solidaridad

Referências

ARAÚJO, P. C. A. **Abordagens sócio-antropológicas da luta/jogo da capoeira**. Portugal: Maia, 1997.

AQUINO, J. G. **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

CASTRO, C. **A invenção do exército brasileiro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: as artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

DUNNING, E. As ligações sociais e a violência no desporto. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Memória e Sociedade, 1992.

ELIAS, N. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UnB, 2001.

FALCÃO, J. L. C. O jogo da capoeira em jogo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 27, n. 2, p. 59-74, jan. 2006.

GINZBURG, C. **Relações de força: história, retórica, prova**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____. Cultural identity and diaspora. In: RUTHERFORD, J. **Identity: community, culture, difference**. Londres: Lawrence & Wishart, 1990.

_____. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T. T. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Contagem da população 2007**. População recenseada e estimada, segundo os municípios – Espírito Santo, 2007. Rio de Janeiro: IBGE, 21 dez. 2007. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/contagem2007/contagem_final/tabela1_1_18.pdf. Acesso em: 30 ago. 2010.

MELLO, A. S. “Esse nego é o diabo, ele é capoeira” ou da motricidade brasileira. **Discorpo**, São Paulo, n. 6, p. 29-39, 1996.

MELLO, D.; SILVA, M. M. A capoeira no contexto do Estado Novo: civilização ou barbárie? **Movimento & Percepção**, Espírito Santo do Pinhal, v. 9, n. 13, p. 123-139, jul.-dez. 2008.

MONTEIRO, P. **Entre o mito e a história: o V Centenário do Descobrimento da América**. Petrópolis: Vozes, 1996.

MWEWA, M; VAZ, A. F. Corpos, cultura, paradoxos observações sobre o jogo de capoeira. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 27, n. 2, p. 45-58, jan. 2006.

RESENDE, V. M.; RAMALHO, V. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

RORTY, R. **Contingência, ironia e solidariedade**. Lisboa: Presença, 1994.

SANTOS, G. O. Alguns sentidos e significados da capoeira, da linguagem corporal, da educação física... **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 30, n. 2, p. 123-136, jan. 2009.

SANTOS, W. **Currículo e avaliação na educação física: do mergulho à intervenção**. Vitória: Proteoria, 2005.

_____; NUNES, K. R.; FERREIRA NETO, A. Educação física na educação básica: pontos de encontro. In: DANTAS JUNIOR, H. S.; KUHN, R.; RIBEIRO, S. D. D. **Educação física, esporte e sociedade: temas emergentes**. São Cristovão: Editora da UFS, 2009. V. 3.

SILVA, G. O. **Capoeira: do engenho à universidade**. 2. ed. São Paulo: Cepeusp, 1993.

SOARES, C. E. L. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)**. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

STOER, S.; MAGALHÃES, A.; RODRIGUES, D. **Os lugares da exclusão social: um dispositivo de diferenciação pedagógica**. São Paulo: Cortez, 2004.

TESTA, A. F. Super-homens, narcisos do ringue e cultura da violência. Educação Física em Revista, **Brasília**, v. 3, n. 3, p. 31-45, nov.-dez. 2008.

VIANA, J. A.; DUINO, S. R. Perfil desportivo dos praticantes de artes marciais: a expectativa dos iniciantes. **Motus Corporis**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 113-124, nov. 1999.

VIEIRA, L. R. Mentiras que parecem verdades: alguns sofismas sobre a capoeira. **Revista Capoeira**, n. 3, 1998.

Recebido em: 22/01/2010

Revisado em: 15/05/2010

Aprovado em: 15/05/2010

Endereço para correspondência

andremellovix@gmail.com

André da Silva Mello

Universidade Federal do Espírito Santo,

Centro de Educação Física e Desportos.

Avenida Fernando Ferrari, Goiabeiras

CEP: 29000-000 - Vitória, ES - Brasil